

O preço de tudo

*Monica Aguiar**

Já estamos bem mais próximos da realidade de *Gattaca*, após vinte e um anos de seu lançamento. Hoje já temos o genoma humano mapeado e até mesmo uma técnica CRISPR, de alterar pedaços do código genético que já está sendo usada em outros organismos vivos. Esta técnica em breve eliminará doenças que são devidas a um único gene. Podemos já selecionar embriões baseados em testes, eliminando o risco de determinadas síndromes, mas também escolhendo o sexo. E em pouco tempo estaremos cultivando células da linha germinativa, isto é, espermatozoides e óvulos, a partir de células da pele. Isto diminuirá em grande parte as dificuldades da FIV. Será que iremos viver numa genocracia?

Na realidade o ambiente ainda divide com o gene a responsabilidade pelo indivíduo resultante. A combinação desses dois fatores em proporções variadas produz toda a gama de variedade na raça humana. Então acredito que psicanalistas ainda terão muito o que fazer.

*A veneração da Dor
Como a veneração do Paraíso,
Obtém-se a custo corpóreo –
O Cume não é dado
Àquele que se esforça rigorosamente
Ao meio da colina –
Mas àquele que atingiu o topo –
Tudo – é o preço – de tudo.¹*

* Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

¹ DICKINSON, Emily. Disponível em: <www.poemhunter.com/poem/the-hallowing-of-pain/>. Tradução nossa.

Num mundo onde os humanos se dividem entre seres “válidos” e “in-válidos”, Vincent, um in-válido, cujo nome escolhido pelo pai e que significa “aquele que conquista”, forja a identidade de Jerome Eugene Morrow, um válido promissor que atentando contra a própria vida, havia se tornado paralítico. Logo, daí para a frente, Vincent seria Jerome, no emprego e na vida na sociedade implacável dos válidos, geneticamente programados e perfeitos. E o verdadeiro Jerome, sinônimo de nome sagrado, seguiria sendo apenas Eugene, o bem-nascido numa alusão à eugenia, agora reduzido a mero doador de material genético para Vincent.

A história retroage à concepção de Vincent e ao seu nascimento. Havia sido concebido por amor no banco de trás do carro. Ao nascer, sua mãe diria ao pai, “Ele fará algo” e ao bebê, “você fará algo!”. E apesar de um certo complexo de inferioridade em relação a Anton, o irmão mais novo, este sim geneticamente planejado, Vincent seria aquele que conquistaria e faria algo. Seus pais o investiam de desejo e enfrentavam com uma certa dose de confiança, toda a incerteza que cerca a chegada e a criação de um filho. O amor é algo mesmo muito arriscado, mas não seria o desamparo de um bebê uma espécie de ímã a puxar pelo carinho e proteção dos pais? Então, a um só tempo, Vincent seria aquele que era tido como mais fraco, mas que, no entanto, conquistaria. Sua humanidade precária garantiria os cuidados e a preocupação de sua mãe que enfrentara uma lista de mazelas prognosticadas numa minúscula gota de sangue, logo ao nascer do seu primogênito. Os paradoxos do amor.

No último nado de suas juventudes, Anton lhe perguntaria, “Tem certeza de que quer fazer isto? Sabe que vai perder...” sabendo, como sempre, que cada braçada em direção ao horizonte lhe custaria outra de volta ao continente, Vincent finalmente ultrapassa um Anton estarecido, que não só fica para trás, como começa a se afogar, necessitando do resgate pelo irmão. O aparentemente impossível acontecia e marcaria Vincent para sempre. O encontro com o imponderável e não previsto no código genético. Os anos iniciais de derrota e insistência, amparados pelo cuidado de seus pais, pareciam ter lapidado a determinação de Vincent em não ficar para trás. E a dúvida corroera as garantias de Anton.

Jerome Eugene, com seu impecável duplo hélice de DNA, também dava sinais de falência diante de seu destino inaceitável como segundo lugar numa competição de natação. Perguntava a Vincent, “Com tudo que eu tinha, ainda assim fui segundo melhor. Então como pretende fazer para dar certo?” ao que Vincent respondeu, “Eu não sei exatamente”. Seus pais também não haviam sabido como criariam um menino com tanta probabilidade de doença cardíaca-

ca, doença bipolar, expectativa de morte precoce etc. No entanto, ali permaneceram, amando e cuidando. Essa experiência seria o solo fértil para que o broto da esperança vingasse no espírito de Vincent.

Vincent/Jerome se certifica cada vez mais de que o céu deverá ser seu limite, como expressão talvez da infinitude da sua paixão, despertada cedo, acalentada e testada ao longo de anos onde sua realidade subjetiva foi paulatinamente ganhando os contornos da realidade objetiva que o cercava. Enquanto isso, Eugene vai expondo sucessivamente as falhas que a falta de uma experiência positiva de resistência ao fracasso e à própria dependência haviam lhe deixado. Experiência que dependeria de elementos não genéticos, ou seja, de um objeto subjetivo, mas objetivamente seguro a ampará-lo diante do inesperado. “Tenho medo de altura”, revela, como explicação para seu desinteresse em fazer parte da conquista de universos além. Seu universo interno se apoiava predominantemente no legado genético quase perfeito. As fantasias onipotentes não haviam sofrido os abalos inevitáveis, temperados pelos cuidados maternos, sempre a medir o tamanho da incerteza que o bebê poderia suportar e superar sem viver angústias inimagináveis nem enrijecer suas defesas. Diante dessa inexperiência, Eugene vivia esmagado com expectativas irreais que excluía o acaso, sempre na iminência de reincidir em algum colapso cuja percepção tentava evitar com abuso de álcool e finalmente com atentados contra a própria vida. Enquanto teve Vincent e agora Jerome, por perto, pôde sentir-se parte dele, numa regressão fusional onde entrava com os genes, ou como dizia, emprestando o corpo. Alimentava-se da paixão de Vincent/Jerome, finalmente podendo sentir-se orgulhoso através dele, como uma mãe encantada com a vitalidade de seu bebê.

No universo sombrio de *Gattaca*, os indivíduos todos se parecem, vestidos rigorosamente iguais e dispostos em baias impessoais onde a indiferenciação parecia ser a regra. Um mundo sem diferenças seria o meio ideal para a onipotência genética se manter. “Ninguém excede seu potencial”, diz um dos preceitos ali disseminados. Num ambiente concebido sob a égide da previsibilidade, não há espaço para o surpreendente e, portanto, para o sonho acordado. Um terreno muito propenso a desesperança e submissão, quando não ao desespero. Talvez não seja difícil imaginar por que o esforçado e confiante Vincent teria o plano de voo mais criativo e, portanto, escolhido.

Mais uma competição no mar com o irmão. Anton ficara perturbado com a desorganização que a presença de seu irmão in-válido havia causado no seu universo geneticamente previsível e controlado. Como havia chegado lá? E como o ultrapassaria pela segunda vez? Ao que Vincent lhe responde dentro

d'água, "Eu nunca guardei nada para o nado de volta!". Sem saber como lidar no seu mundo de certezas com a incerteza de até onde o irmão iria, Anton perde as forças e começa a se afogar. Da arrogância à impotência em segundos. Uma personalidade calcada em palafitos pré-estabelecidos que não se fortaleceram suficientemente com a experiência inicial de vida com um objeto amoroso sintonizado com seu desamparo. Afinal havia sido um bebê perfeitamente programado e, portanto, diferente de seus pais que possivelmente se sentiam inferiores a ele e talvez até algo desnecessários.

Quando a ideia de perfeição, isto é, de ser o bebê perfeito, é basicamente tudo que se traz do início, passa-se todo o tempo buscando falhas, como diria Vincent para Irene, a moça mal programada com um defeito no coração, no seu penúltimo diálogo do filme. "Eles te deixaram procurando tanto qualquer falha que isso é tudo que você consegue ver". E segue dizendo, "Pelo que pode te valer, estou aqui para te dizer que é possível. É possível". Perplexa, Irene não parece acreditar que uma vida plena de realizações seria possível sem a perfeição.

E ao buscar falhas, a comparação se tornaria inevitável e, conseqüentemente, o indivíduo se tornaria presa da inveja. "Será que a única maneira de você ter sucesso é me ver falhar?" perguntava Vincent a Anton.

No início da vida de um bebê, tudo é caos que se organiza e desorganiza para novamente se organizar sob o manto de acolhimento dos pais. Essa repetida experiência estará na base da capacidade de cada um enfrentar o imponderável, uma espécie de DNA da alma. E como diz o slogan do filme, "Infelizmente, não existe um gene para o espírito humano".

Abril de 2019

Monica Aguiar

monaguiar27@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil